

Duas irmãs contra “a escória”

Freiras foram condenadas na Bélgica por crimes contra a humanidade

Reuters – Bruxelas, 13/4/01

Foi no último dia 8 de junho. Irmã Gertrude foi condenada a 15 anos de prisão, irmã Maria Kisito, a 12 anos. O cenário era um tribunal da Bélgica. O fato de as duas freiras ruandenses estarem respondendo a processo tão longe de casa explica-se: desde 1993 a Justiça belga, graças a uma decisão pioneira da coalizão de governo de centros-esquerda, dotou-se de “competência universal” para julgar crimes contra a humanidade, independentemente do lugar onde tenham sido cometidos e da nacionalidade dos acusados.

Gertrude, hoje com 42 anos, e Maria, com 37, foram condenadas porque se encontravam em território belga, protegidas há anos pelas autoridades religiosas do país – como agora acontece na Itália com o padre ruandense acobertado aparentemente pelo governo e pelo Vaticano. Sete anos atrás, em abril de 1994, Gertrude era a superiora de um convento beneditino perto da cidade ruandense de Butare, onde também vivia Maria Kisito, quando milhares de camponeses da etnia tutsi chegaram, acoados pelas milícias hutus conhecidas como interahamwe. Doze dias antes, o aten-



Irmãs Maria e Gertrude: gasolina para queimar refugiados

tado que derrubou o avião do presidente Juvenal Habyarimana desencadeou as perseguições dos hutus contra os tutsis no país, numa das guerras civis mais cruéis da história recente do continente africano.

Gasolina – Em vez de darem abrigo aos refugiados, as duas freiras acomodaram-nos numa garagem, receberam os milicianos – um dos quais era

irmão de Maria – e entregaram a eles os botijões de gasolina com os quais 500 a 700 pessoas foram queimadas vivas; dias depois, mais cerca de 600 refugiados foram massacrados em terrenos próximos do convento.

Consolata Mukangango, nome verdadeiro de irmã Gertrude, e Julienne Mukabutera, o de irmã Maria, operavam no convento de Sovu um tipo de crime que em

outros pontos do país sacerdotes e hierarcas da Igreja Católica também foram acusados de cometer, pelo menos por omissão.

Mas o ódio étnico posto em prática permeava outros setores da sociedade. Juntamente com as duas freiras, foram julgados na Bélgica um empresário e político e um professor. Alphonse Higaniro, hoje com 51 anos, ex-ministro dos Transportes e das Comunicações, próximo do círculo de poder que elaborou a ideologia do genocídio contra os tutsis, dirigia na época uma fábrica de fósforos em Butare. Foi condenado a 20 anos de prisão por ter incitado aos massacres por escrito, por treinar milicianos hutus e pelo assassinato de uma família inteira.

O professor de física Vincent Ntzeimana, 39 anos, foi condenado a 12 anos de prisão por denunciar colegas, levando ao assassinato de famílias inteiras, por ter matado duas pessoas com as próprias mãos e por ter pregado, num documento que circulava no país desde o início dos anos 90, o “fim da piedade com os tutsis” – aqueles mesmos membros de uma das etnias nacionais a que a madre superiora Gertrude costumava referir-se como “a escória”.